

CHINA, O GIGANTE VERMELHO

A China é o país mais populoso do planeta (1,2 bilhão de habitantes), o terceiro em território (perdendo apenas para a Rússia e o Canadá) e candidato à potência econômica no século XXI. Mas o mundo está assustado por outro motivo: a combinação de seu poderio bélico e de sua truculência diplomática para resolver questões políticas.

■ Anúncio-bomba

A China surpreendeu o mundo em julho ao anunciar que dispõe de tecnologia para construir uma bomba de nêutrons, espécie de última palavra em armas nucleares. A declaração coincidiu com o agravamento das relações entre os governos de Pequim e Taiwan, região considerada província “rebelde”. Lee Teng-hui, afirmou que a China deveria falar com Taiwan de “Estado para Estado”. De imediato, a Marinha chinesa recebeu ordens para realizar manobras militares na região. Por tudo isso, o governo de Taiwan está apreensivo e já reforçou sua segurança com medo de uma invasão chinesa.

■ Bifurcação

O arquipélago de Taiwan, também conhecido como Formosa, é considerado território pela China, apesar de ter governo e moeda próprios. Em comum, só o fato de falarem a mesma língua, o mandarim. Como uma estrada com bifurcação, os caminhos seguidos por chineses e taiwaneses nos últimos 50 anos foram diferentes. Com a Revolução Comunista vitoriosa, em 1949, parte da população chinesa contrária ao **comunismo** migrou para Taiwan. Nessa ilha, prosperaram o **capitalismo** e a abertura de mercado para o comércio internacional. Em menos de 30 anos a região deslanchou e garantiu o ingresso no grupo de países dos Tigres Asiáticos, ao lado de nações como Coreia do Sul e Cingapura.

Você sabia?

A bomba de nêutrons mata as pessoas e outras formas de vida por radiação. Seu poder explosivo é baixo, quando comparado às armas convencionais. No caso de ataque a uma cidade, por exemplo, ela mataria a população, deixando a maioria das

■ Tensão máxima

A história da China é marcada por conflitos. São episódios de vitórias e derrotas, de territórios ocupados e desenvolvidos. Veja as principais regiões que causaram ou ainda causam polêmica.



Tibete

Tem quase o tamanho da Argentina. Os chineses dominaram o território entre 1720 e 1912. Por 38 anos (1912-1950), o Tibete foi um Estado soberano. Em 1950, a China invadiu novamente a região e consolidou o domínio sobre os tibetanos.



Macau

No século XVI, os portugueses fundaram a colônia de Macau no sudeste da China. O território ainda pertence a Portugal e deve ser desenvolvido à China em 20 de dezembro de 1999, segundo acordo estabelecido em 1993 entre os dois países.



Mandchúria

No nordeste da China, a região foi ocupada por russos no início do século XX. Em 1931, os japoneses invadiram a Mandchúria, que voltou ao domínio chinês com a derrota do Japão na Segunda Guerra, em 1945.



Taiwan

Também chamado Formosa, é um arquipélago formado por uma ilha maior e outras 77 menores. O território que não aderiu à Revolução Comunista Chinesa de 1949 é o principal foco de tensão atual, com a ameaça de independência em relação à China.



Hong Kong

Depois de 156 anos de domínio britânico, a região voltou à soberania da China em 1º de janeiro de 1997. A partir de 1970, Hong Kong abriu sua economia e se transformou, em duas décadas, no quarto mercado financeiro do mundo.



O país da muralha

Em 17 de outubro de 1999, a República Popular da China chega aos seus 50 anos de existência. Esse sistema de governo passou a existir em 1949, após a tomada de poder dos comunistas liderados por Mão Tse-tung. A China, porém, tem mais de 4 mil anos de história. Nesse extenso período, seu território foi cobijado por muitos povos que lá deixaram e ainda deixam suas marcas. Mais de 200 anos antes de Cristo, na dinastia Ching, os chineses construíram uma grande muralha para defender a unidade do império e conter o avanço dos povos do norte. A Muralha da China possui mais de 2.500 km de comprimento e é a única construção humana que pode ser vista da Lua a olho nu. Apenas a partir do século XII, as relações com o Ocidente foram intensificadas pelas viagens de mercadores pelas viagens de mercadores italianos, como Marco Pólo, que trouxe para a Europa descobertas e invenções chinesas como a pólvora e o macarrão. No século XIX, a China e a Grã-Bretanha enfrentaram-se na Guerra do Ópio, episódio que deu uma vitória dupla aos britânicos: o domínio de Hong Kong e o monopólio do comércio do produto nos portos da região. No século passado e no início deste, o país enfrentou vários conflitos com o Japão. Os japoneses conquistaram entre 1885 e 1931 diversos territórios na China; entre eles a Mandchúria. Os chineses conseguiram recuperar as terras perdidas somente em 1945, após a derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial.



Colcha de retalhos

A China é um país de dimensões continentais e seu território assemelha-se a uma colcha de retalhos, tantas são suas particularidades físicas e humanas. A maior parte de seus 1,2 bilhão de habitantes concentra-se na região costeira, junto ao litoral do mar da China. Na faixa leste está às cidades mais importantes do país,

como Xangai e a capital Pequim, ambas com mais de 10 milhões de habitantes, e o pólo industrial. As principais zonas agrícolas também se estendem pela planície costeira, com destaque para o cultivo de arroz no sudeste do país. No interior, regiões de baixa densidade demográficas, predominam os planaltos e dois extensos desertos: Gobi e Takla Makan. Nessa região encontram-se grandes reservas minerais como o carvão. Mas o relevo acidentado e a insuficiente dificultam seu aproveitamento.



Made in China

No final da década de 1970, Deng Xiaoping, líder do Partido Comunista na época, adotou políticas de modernização e criou a chamada “economia socialista de mercado”, que reintroduziu a economia capitalista sem abandonar o comunismo. O que parece uma contradição – uma economia de mercado em um país comunista – acabou dando certo. A China passou a exportar seus produtos e a ganhar dinheiro no exterior. A estratégia garantiu um crescimento econômico de cerca de 10% ao ano a partir de 1978. O país passou a fazer frente à hegemonia econômica do Japão na Ásia e até a incomodar os negócios norte-americanos.

Os produtos *made in China* ganharam espaço nas prateleiras do mundo inteiro com uma arma infalível: preços baixos. Parecia mesmo que a “ameaça vermelha” iria ditar os rumos do mundo no século XXI. Mas não é o que está acontecendo hoje.



Futuro incerto

A China foi um fenômeno econômico entre 1979 e 1997. Nesse período, o Produto Interno Bruto (PIB) do país aumentou 20 vezes, as exportações cresceram, em média, 52% ao ano e, oficialmente, 200 milhões de pessoas saíram da pobreza absoluta. Em 1998, porém, a China perdeu o fôlego e mostrou os primeiros sinais de **recessão**. Em 1999, a situação está pior: o governo já admitiu uma queda de 10% nas exportações e um aumento do desemprego. Cerca de 100 milhões de pessoas estão sem trabalho nas cidades – uma enormidade do tamanho das populações de França e Espanha juntas. Antes, o governo não admitia uma desvalorização da moeda nacional, o iuane. Hoje, não exclui essa possibilidade. A medida tornaria os produtos chineses ainda mais baratos e mais competitivos no mercado internacional.

Mas, na mesma proporção, aumentaria o medo de que o país descambe de vez. E, como tudo na China é gigante, uma crise econômica não seria diferente. Ela teria força para abalar o mundo inteiro.

Triste aniversário

Em 1999 os chineses comemoram um triste aniversário: os dez anos do massacre na praça da Paz Celestial, em Pequim. Entre abril e junho de 1989, o país viveu o auge das manifestações estudantis pela abertura política. Foi quando a praça da Paz Celestial ficou famosa em todos os cantos do mundo com a ocupação dos estudantes e dos trabalhadores chineses. O exército pôs fim aos protestos em 4 de junho daquele ano, abrindo golfo contra os manifestantes. Até hoje não se sabe o número de mortos nem de presos durante o conflito – estimativas sugerem que até 5 mil pessoas tenham perdido a vida. No ano de décimo aniversário do massacre, o

governo precaveu-se e cercou a praça, temendo novas manifestações. A medida encobre, na verdade, dados mais vergonhosos. A China é recordista na aplicação da pena de morte – foram 1.600 execuções somente em 1997. Para completar o quadro sombrio, o país está na lista da Anistia Internacional como um dos que mais desrespeitam os **direitos humanos**, com uso de tortura, maus-tratos e trabalhos forçados nas prisões.

Glossário

Capitalismo: sistema econômico que tem por base a economia de mercado, a propriedade privada e a geração de lucro.

Comunismo: regime de partido único (Partido Comunista), com controle da economia pelo Estado.

Direitos Humanos: direitos básicos de qualquer cidadão, como direito à expressão e à liberdade.

Recessão: período de baixa atividade econômica.

PESQUISA: Revista Lição de Casa, Estadão, págs. 26/27/28 e 29.